

TURISMO E CULTURA NA CIDADE DE MOSSORÓ/RN (BRASIL): A DINÂMICA TERRITORIAL DE SUAS PRINCIPAIS FESTIVIDADES

AMARAL, Patrícia Daliany Araújo do¹

SILVA, Anelino Francisco da²

TEIXEIRA, Kátia Simone Santiago³

A cidade de Mossoró, localizada no Estado do Rio Grande do Norte (Brasil) tem sido, atualmente, divulgada e conhecida pela população como a capital cultural do Estado, em função dos relevantes investimentos realizados, a cada ano, no seu setor cultural, especialmente no que se refere às festas, assim como à criação de espaços voltados para o setor cultural. O trabalho propõe-se a construir uma compreensão de como ocorre a dinâmica da cultura e do turismo na cidade de Mossoró. Busca, ainda, verificar de que maneira processa-se essa dinâmica territorial da cidade, nos últimos anos, em função das atividades do Mossoró Cidade Junina, do Auto da Liberdade e da Festa de Santa Luzia, festas que acontecem todos os anos, nos meses de junho, setembro e dezembro, respectivamente. Faz-se uma análise das transformações territoriais ocorridas em Mossoró, decorrentes das festividades em estudo, e dos impactos provenientes dos investimentos públicos e privados, que provocam uma nova dinâmica na cidade. Além disso, é verificada a percepção da comunidade, da iniciativa privada e do poder público em relação a essas práticas como processos dinamizadores de Mossoró. Para isso, realizou-se pesquisa bibliográfica e em documentos. Efetivou-se, ainda, pesquisa de campo, através da observação não-participante e da realização de entrevistas com o poder público municipal, principal idealizador das festas e com a iniciativa privada, enquanto patrocinador. A comunidade local também participou através da aplicação de questionários. Após a efetivação da pesquisa, é possível afirmar que as festas do Mossoró Cidade Junina, do Auto da Liberdade e de Santa Luzia, têm demonstrado uma capacidade de criar e manter um fluxo de turismo, fazendo com que Mossoró ganhe projeção como um destino turístico. Através de festas, patrocinadas pelo poder público, são celebrados fatos do passado que recuperam a memória, as imagens e os discursos do passado em Mossoró. Mas o momento festivo não ocorre sem objetivos por parte daqueles que a realizam. O poder público busca, com o trabalho que vem sendo realizado, afirmar sua imagem e seus interesses. Nesse contexto, o turismo tem sido visto como uma alternativa extremamente rentável, mas a comunidade local tem sido muitas vezes, negligenciada dentro desse processo. As

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Bacharel em Turismo pela UFRN – pdaliany@gmail.com

² Pós-Doutor pelo Instituto de Ciências Sociais, Portugal (2006); Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2000); Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (1982); Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco (1979).

³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Especialista em Lazer pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Bacharel em Turismo pela Universidade Potiguar (UnP) – katiasimonest@yahoo.com.br

festas envolvem todos os segmentos da sociedade, independentemente do seu nível de escolaridade. Mossoró tem, na efetivação de suas festas, grande parte da cidade movimentando-se no sentido de garantir a sua realização. Os equipamentos de hospedagem organizam-se para a chegada da demanda de turistas, assim como os comerciantes locais e o poder público buscam estar aptos a receber um grande número de pessoas na cidade de maneira organizada, segura e de modo a ter condições de atender às suas necessidades. As programações organizadas pelos diversos atores envolvidos nesse processo não têm apenas o poder de atualizar os mitos, mas de colocar em cena a história do povo, sendo capaz de mediar valores. Elas são tidas como instrumento de interação e expressão da diversidade, permitindo ao povo reconhecer-se na festa. O fato das pessoas acreditarem que Mossoró ficou mais conhecida a partir da realização das festas, acaba por melhorar a estima da população, que, cada vez mais, mostra o orgulho de fazer parte daquele lugar. Através das festas em estudo, uma nova Mossoró vem sendo criada. São transformações na economia da cidade, que busca desenvolver o turismo cultural em seu espaço, com vistas aos possíveis benefícios dessa atividade. A opção pelo investimento nesse setor tem acabado por trazer, também, modificações estruturais para a cidade, que tem sido transformada para a realização das festividades, as quais estão acabando por criar um corredor cultural no entorno dos espaços apropriados. Para que isso ocorra, atenta-se para a necessidade de ações de planejamento a médio e longo prazo, para que todos os atores sociais estejam envolvidos no processo e comunguem dos benefícios que a atividade turística pode trazer.

Palavras-chave: Cultura. Dinâmica territorial. Festas. Mossoró. Turismo.

1 MOSSORÓ E A EXPLORAÇÃO TURÍSTICA ATRAVÉS DOS EVENTOS FESTIVOS: UMA INTRODUÇÃO

No Brasil, a realidade de crescimento do turismo tem animado os gestores da atividade, que cada vez mais direcionam seus esforços no sentido de levar crescimento econômico às localidades onde atuam. O turismo é capaz de proporcionar uma série de benefícios aos lugares em que se instala, mas, também, desafios ou efeitos perversos, já sendo motivo de preocupação por parte de estudiosos de diversas áreas, como antropólogos, sociólogos e mesmo geógrafos. No Nordeste e no Rio Grande do Norte, o desenvolvimento do turismo está historicamente mais atrelado às atividades litorâneas. Em função de suas belezas naturais, o litoral nordestino tem atraído, nas últimas décadas, um fluxo considerável de turistas. Isso fez com que muitas cidades da região tivessem, no turismo, a maior contribuição para o desenvolvimento de suas economias. Exemplo disso ocorre no RN, quando tem essa atividade concentrada na área litorânea.

Entretanto, atualmente, o desenvolvimento da atividade turística tem ocorrido em outras áreas que não a litorânea, ao ponto de ser constatada a interiorização do turismo como uma realidade. Nesse contexto, destaca-se a cidade de Mossoró, localizada na chamada região da Costa Branca do Rio Grande do Norte. A figura 01 mostra a localização geográfica do município mossoroense no Estado. A partir de festas

diversas, a cidade tem buscado desenvolver um segmento do turismo até então pouco trabalhado nas localidades potiguares. Na cidade de Mossoró, o turismo tem crescido como atividade econômica nos últimos anos e representa, na atualidade, um dos mais importantes setores de sua economia. Essa é uma atividade que exige a implantação de infra-estrutura, envolvendo, por exemplo, equipamentos de hospedagem e serviços, mas é responsável, também, pela geração de empregos diretos e indiretos, o que dinamiza a economia, gerando divisas.

A atividade turística vem demonstrando seu poder de desencadear um processo de identificação dos cidadãos com a historiografia sociocultural. Na visão de geógrafos, antropólogos e historiadores, a preservação da identidade de um povo começa quando os sujeitos envolvidos em um processo de construção identitária incorporam-se ao trabalho de recuperação de sua memória coletiva, da reconstrução de sua história, da verificação das fontes de sua identidade, não se restringindo às questões materiais, mas abrangendo também aspectos não-materiais da cultura. Esta vem sendo a mola propulsora dessa atividade econômica da cidade de Mossoró.

Nesse contexto, a pesquisa realizada e da qual resulta este texto, propôs-se a construir uma compreensão de como ocorre a dinâmica da cultura e do turismo na cidade de Mossoró. Busca, ainda, verificar de que maneira processa-se essa dinâmica territorial da cidade, nos últimos anos, em função das atividades do Mossoró Cidade Junina, do Auto da Liberdade e da Festa de Santa Luzia. Faz-se uma análise das transformações territoriais ocorridas em Mossoró, decorrentes das atividades em estudo, e dos impactos provenientes dos investimentos públicos e privados, que provocam uma nova dinâmica na cidade. Além disso, é verificada a percepção da comunidade e do poder público em relação a essas práticas como processos dinamizadores de Mossoró.

A cidade de Mossoró tem sido, atualmente, divulgada e conhecida em todo o Rio Grande do Norte como a capital cultural do Estado, em função dos relevantes e contínuos investimentos realizados, a cada ano, no setor cultural. As festas do Mossoró Cidade Junina, do Auto da Liberdade e de Santa Luzia, que vêm ocorrendo na cidade têm possibilitado uma capacidade de criar e manter um fluxo de turismo, fazendo com que a cidade ganhe projeção como um destino turístico. Além disso, o turismo mossoroense apresenta o diferencial de desenvolver um nicho de mercado até então pouco explorado no Estado do Rio Grande do Norte: o turismo cultural. Esse fato, por si, já justificaria a análise da exploração do turismo na região mossoroense como um objeto de estudo, já que essa iniciativa é diferente do que ocorre em outras localidades potiguares, tradicionalmente famosas pelo turismo de sol e mar.

O estudo da atividade turística de Mossoró, porém, justifica-se ainda por três outros fatores. O município mossoroense é o segundo maior em extensão territorial dentre os norte-rio-grandenses, tendo uma economia dinâmica, e sua demanda de turistas tem crescido sob uma infra-estrutura turística ainda precária. Observe-se que a cidade apresenta um rico patrimônio histórico-social a ser explorado por políticas públicas de desenvolvimento do turismo, que resultará no resgate da identidade, da memória e da história daquela região, além dos outros benefícios que a atividade turística pode trazer.

Nesse sentido, a presente investigação poderá contribuir de dois modos distintos. Esse ramo da atividade turística será melhor entendido por aqueles ligados a ele, em especial, os gestores da localidade estudada. Além disso, os promotores do

turismo cultural em Mossoró poderão perceber o quanto a atividade turística é benéfica para o local onde se instala de modo ordenado. Tais contribuições também justificam a pesquisa em andamento.

As cidades deveriam investir na contínua valorização de sua cultura. Quando trabalhada de forma responsável por seus planejadores, em especial, os produtores culturais, tanto do setor público quanto do privado, como um produto turístico, a cultura tem o poder de atrair fluxos turísticos. Além disso, o turismo pode ser fator de estímulo à manutenção da identidade das populações receptoras.

Sabendo disso, o poder público municipal de Mossoró tem investido na apropriação da cultura popular e na divulgação/reconstrução de fatos históricos para dinamizar a atividade turística. A cidade já possuía um fluxo de turistas que tinha como motivação principal a realização de negócios, e vê nessa nova modalidade o fator de crescimento do setor turístico local. Sob essa concepção, analisam-se as festas de maior representatividade da cidade, denominadas Mossoró Cidade Junina, Auto da Liberdade e Festa de Santa Luzia. Esta é marcada por um forte apelo religioso, por se tratar de um acontecimento voltado para as comemorações da Padroeira da cidade. O turismo cultural mossoroense tem se desenvolvido a partir dessas festas.

Esse segmento de mercado tem sido apontado como uma alternativa para desenvolver a economia local, além de construir novas visões das origens histórico-culturais da região e reafirmar a percepção identitária dos mossoroenses, estabelecer novos laços entre as pessoas e entre elas e os territórios da cidade. Dessa compreensão compartilha Alves (2005, p.04) ao dizer:

Em Mossoró, [...] a festa vem sendo apropriada como uma das formas de demarcação de identidade local. Nesta cidade, algumas festas vêm sendo (re) inventadas e a tradição juntamente com os referenciais de *coragem* e *liberdade*, vêm sendo agregada como elemento diferenciador das demais cidades. Esse processo vem sendo acompanhado não raramente pelo processo de espetacularização.

Mossoró sempre se destacou por sua expressão em algumas atividades: historicamente, o sal foi fator de crescimento da economia local, e a fruticultura tropical irrigada é um dos pilares da sua economia (destaca-se principalmente o melão). Ela é a maior produtora de petróleo em terra firme do Brasil (sendo esta a maior representação na sua economia) e é, também, um pólo ceramista. Fornece ainda 97% do sal marinho consumido pelo país. Seu comércio é bastante dinâmico e diversificado, como afirma Rocha (2005).

A dinâmica sócio-territorial da cidade de Mossoró, até meados da década de 1990, estava ligada apenas às atividades anteriormente referidas. Hoje, os gestores da cidade buscam meios para reestruturar suas atividades e vêem no turismo cultural um novo nicho de mercado a ser explorado e desenvolvido nesse território. Pode-se estabelecer uma retrospectiva de fatos históricos, considerados por seus cidadãos como de grande importância e que podem ser explorados pela atividade do turismo cultural: a Abolição dos Escravos, em 1883 (05 anos antes da promulgação da Lei Áurea); o Motim das Mulheres, em 1875; o primeiro voto feminino, realizado por Celina Guimarães, em 1928; a Resistência ao Bando de Lampião, o mais famoso cangaceiro do Nordeste, em 1927. Todos esses acontecimentos são hoje resgatados especialmente em forma de grandes espetáculos.

Há uma retomada de suas origens acontecendo na cidade. O resgate de fatos históricos conduz a uma conexão entre passado e presente, “(re) atualiza os referenciais identitários e produz um sentimento de identificação territorial” (ALVES, 2005, p.06). Isso condiz com a idéia de que “os usos e costumes de um povo, de uma comunidade, são transmitidos pelos fundamentos de suas concepções históricas e sócio-político-culturais” (MONICA, 2001, p.39). Ainda nesse sentido, Albuquerque Júnior (apud FELIPE 2001, p. 146) afirma que

O conhecimento da história do lugar, da sua memória coletiva, fornece os elementos para a invenção de uma cultura particular. Que ao interpretar essa história, imprime a mesma outros significados, outras intrigas, um enredo novo produzido com os fragmentos do passado [...].

De acordo com a Prefeitura Municipal de Mossoró (2007a), a cidade desponta turisticamente em função de uma política local estruturada, conforme a citação anterior. Em site oficial, a instituição afirma que, graças

[...] à diversidade de seus atrativos e singularidade dos aspectos culturais, mais e mais turistas visitam a "capital do semi-árido" potiguar todos os anos. A realização de eventos tornou Mossoró uma referência cultural em todo o Nordeste e fez dela parada obrigatória aos interessados em cultura popular e festas típicas da região.

Nesse contexto de manifestação festiva, uma Mossoró distinta da existente no cotidiano de seus moradores é produzida, já que uma parte da cidade é pensada e reorganizada para as festas. Esse processo tem evidenciado as estratégias dos diferentes atores sociais (Estado, sociedade, Igreja) no decurso da apropriação dos espaços da cidade. Essa realidade conduz à reflexão sobre as territorialidades mossoroenses. Assim, é possível pensar que

[...] as identidades são relacionalmente construídas como parte do processo político mediante relações de poder. Esse reconhecimento pode levar à renegociação dessas identidades, pois reformular o modo por meio do qual se representa o espaço é também uma ação política (ALVES, 2005, p.07).

Assim, o problema que consubstancia a presente pesquisa é: como se processa a dinâmica territorial da cultura e do turismo em Mossoró, bem como sua dinâmica socioespacial, nos últimos anos, a partir das atividades do Mossoró Cidade Junina, do Auto da Liberdade e da Festa de Santa Luzia?

Seguindo esta linha de pensamento, tem-se como objetivo central do trabalho investigar o desenvolvimento da cultura e do turismo em Mossoró-RN e sua dinâmica socioespacial dos últimos anos, tendo como fatores propulsores as festas: Mossoró Cidade Junina, Auto da Liberdade e Festa de Santa Luzia. Para que seja alcançado, foram propostos objetivos específicos: analisar a dinâmica territorial da atividade do turismo cultural na cidade de Mossoró; estudar como os impactos provenientes dos investimentos público e privado têm provocado uma nova dinâmica na cidade e verificar a percepção da comunidade e do poder público em relação ao processo dinamizador da cultura que o turismo tem posto à cidade.

A pesquisa desenvolveu-se no sentido de reunir dados e informações necessárias para análise do problema proposto e o alcance dos objetivos estabelecidos. De acordo com Gil (2007, p.42), pode-se definir pesquisa como “o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para os problemas mediante o emprego de procedimento científicos”.

Na pesquisa científica, o levantamento de dados é o primeiro procedimento a ser efetivado para a realização da pesquisa científica, devendo ser realizado através de pesquisa em documentos e bibliografias diversas. Para a efetivação do trabalho proposto, seguiu-se esse preceito. A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio de levantamento de informações em artigos científicos, livros, teses, dissertações e em sites da internet. O material coletado foi utilizado na composição do referencial teórico da pesquisa. Também se efetivou pesquisa documental, através da coleta de informações em documentos disponibilizados por órgãos oficiais relacionados à problemática em estudo. Utilizou-se ainda documentos como relatórios de pesquisa, tabelas, etc. A pesquisa de campo foi também implantada, a fim de registrar informações pertinentes (LAKATOS; MARCONI, 1991).

A pesquisa realizada recebe uma classificação dupla. Ela é exploratória à medida que objetiva familiarizar o pesquisador com o tema estudado, no sentido de aprimorar idéias sobre o assunto em questão, utilizando uma quantidade de dados provenientes de fontes secundárias. Ela é também descritiva, porque expõe situações a partir de dados primários, levantados por meio de investigações em que foram aplicadas entrevistas pessoais e observação não-participante como técnicas para efetuar o levantamento dos dados.

A pesquisa descritiva procura construir uma descrição do fenômeno em questão de maneira que seja caracterizada a sua realidade, sem interferência ou modificação por parte do pesquisador. De acordo com Dencker (1998, p.130), “são estudos bem estruturados e planejados que exigem um conhecimento profundo do problema estudado por parte do pesquisador. O pesquisador sabe o que deseja avaliar e como deverá proceder para fazê-lo”. Esse procedimento científico foi executado para a concretização da pesquisa.

O universo da pesquisa circunscreve-se à cidade de Mossoró, localizada no Estado do Rio Grande do Norte. Dentro desse limite geográfico e levando em consideração que se busca analisar as festas culturalmente desenvolvidas em Mossoró, o objeto de estudo restringe-se às festividades do Mossoró Cidade Junina, do Auto da Liberdade e da Festa de Santa Luzia.

O estudo investiga diversos segmentos, incluindo população local, poder público e iniciativa privada quanto à concepção deles em relação aos fenômenos culturais analisados. Para que fossem aplicados os questionários na cidade, utilizou-se da amostra por conglomerados, que, segundo Gil (2007), é indicada em situações em que é difícil a identificação de seus elementos, como é o caso desta pesquisa, cuja população é constituída por todos os habitantes da cidade de Mossoró.

As técnicas utilizadas na pesquisa de campo compreenderam a entrevista e a observação não-participante. Durante a realização da pesquisa, a observação não-participante deu-se na cidade de Mossoró, nos momentos relativos à realização das festas em estudo. Para Lakatos e Marconi (1991, p.193), “na observação não-participante, o pesquisador entra em contato com a comunidade, grupo ou realidade

estudada, mas sem integrar-se a ela”. Assim, o estudioso faz o papel de espectador - o que não significa que tal observação não seja consciente, com vistas a um propósito determinado.

As entrevistas foram realizadas com o poder público municipal, como principal idealizador das festividades, e a iniciativa privada, que aparece como apoiadora das festas. Foram utilizados questionários semi-estruturados. A entrevista, cujas perguntas são feitas oralmente, tem por objetivo obter informações a respeito do objeto de estudo, e o próprio pesquisador registra as respostas fornecidas.

Apesar de mais dispendiosa, a entrevista tem, dentre suas vantagens, a maior flexibilidade na formulação de questionamentos e, sendo realizada pessoalmente, apresenta maior capacidade de captar aspectos subjetivos do entrevistado. Isso porque, a entrevista, em seu desenrolar, deixa o entrevistado mais à vontade para tomar partido diante do tema, permitindo, assim, a apreensão, por parte do pesquisador, de aspectos comportamentais e emocionais que possam interferir no conteúdo de suas considerações.

Para obter a percepção da comunidade local a respeito das festas, a técnica utilizada foi a aplicação de questionário, elaborado pela pesquisadora de acordo com os objetivos da pesquisa.

Após a realização das entrevistas e a aplicação dos questionários, veio a fase da interpretação. A interpretação “consiste em expressar o verdadeiro significado do material em termos do propósito do estudo. O pesquisador fará as ligações lógicas e comparações, enunciará princípios e fará generalizações” (DENCKER, 1998, p.172). Nesse momento da pesquisa, foram analisados os dados e informações obtidas na pesquisa de campo para que se chegasse às considerações a respeito do tema em estudo. Esse procedimento interpretativo gerou os resultados deste trabalho de pesquisa. Para a tabulação dos dados coletados, utilizou-se o programa *Statistical Package for the Social Sciences* - SPSS. Posteriormente, foram formatados gráficos e tabelas com o auxílio do Excel.

A seguir, trata-se da relação turismo, território e festas, traz um relato de como as festas vêm sendo um processo dinamizador das localidades. “Os eventos festivos do território mossoroense nas vozes dos atores sociais” aborda como ocorrem as intervenções do poder público e da iniciativa privada nas festas mossoroenses, seus objetivos e as causas pelas quais se dá o investimento. Apresenta, ainda, um panorama da participação da comunidade nas festas em estudo.

O último capítulo traz as considerações apreendidas no decorrer da pesquisa. De maneira sucinta, são expostas as principais observações relacionadas à dinâmica territorial da cultura e do turismo em Mossoró.

2 TURISMO, TERRITÓRIO, FESTAS E IMAGINÁRIO SOCIAL: RELAÇÕES DIVERSAS

A seguir, o turismo e a cultura são abordados, dando destaque ao nicho de mercado do turismo cultural, já que esta segmentação do mercado traz benefícios que são esperados por todos os promotores da atividade turística. O território e a dinâmica territorial também são tratados, posto que se entende que o turismo, assim como as festas, envolvem a criação e a modificação dos territórios. Por fim, tem-se uma

abordagem das festas, que são tidas como fenômenos que dinamizam as sociedades, fortalecem identidades e modificam os territórios nos quais estão inseridas.

2.1 O TURISMO CULTURAL

A abordagem científica da Geografia Cultural de um dado objeto de estudo transita pela análise do cotidiano, das micro-histórias, da representação, de estudo do significado, da construção social da identidade baseada nos lugares. McDowell (1996) diz que esse foco de abordagem inclui a investigação da cultura material, dos costumes sociais e do universo simbólico, articulando, portanto, a relação espacial e o universo simbólico-identitário. Desta maneira, o conjunto de significados figura como possibilidade para os estudos dos lugares e dos territórios, cujas apropriações faz-se em escalas reais e imaginárias.

Corrêa (2001), ao analisar a complexificação das espacialidades a partir dos conjuntos de significados que dimensionam o espaço, reitera a reflexão de McDowell (1996), dizendo que o mesmo contém significados simbólicos. Para Corrêa (2001), a espacialidade é produto da apropriação e transformação da natureza, e o resultado dessas atividades humanas está impresso nas formas de expressão musical, poética, imagética e pictórica de um povo, ou seja, nos traços culturais dos grupos sociais que ocupam um dado território.

O descortinar da trama cultural de um povo dá início à perspectiva do estudo do significado, sendo este, portanto, parte da renovação na Geografia Cultural. Nesse sentido, essa abordagem científica concebe que, através das práticas sociais, das sociabilidades e das práticas culturais cotidianas, as maneiras como os artefatos materiais são apropriados e os significados que esses ganham através dos hábitos sociais relacionam-se. Assim, a experiência espacial humana dá-se no âmbito das trocas e complementaridades.

McDowell (1996) defende que uma abordagem dos fenômenos culturais deve enfatizar as maneiras como uma manifestação cultural e o significado dela reforçam os desejos, os apegos, as cumplicidades e os desprezos na produção sócio-histórica dos lugares. Conseqüentemente, o entendimento espacial perpassa o tecido cultural de tal forma que um retro-alimenta historicamente o outro. É válido ainda enfatizar a noção de significado. A autora associa-o a tal fundamento, de análise da entidade espacial. Daí estabelecer que os significados representem um sistema de valores, cujas experiências transformam o mundo em um dado momento histórico.

Através das práticas sociais e culturais, o entendimento espacial efetiva-se como (re)produção e desenvolvimento das sociedades, portanto, sendo permeada por construtos identitários flexíveis, reconhece-se a importância de olhar a dinâmica sócio-espacial (HALL, 2005). Desta forma, McDowell (1996, p.164) expressa que

Os significados e as práticas culturais são particulares a determinados grupos da sociedade. Significados dominantes ou hegemônicos podem ser subvertidos, contestados ou derrubados. Este reconhecimento de significados contestáveis e divergentes, é que o conhecimento em si mesmo também é temporário e contestável [...].

Essa dinâmica de hegemonia e contestação relaciona-se ao entender de McDowell. Para ela, a cultura deve ser vista como “[...] um conjunto pluralístico de práticas sociais” (McDOWELL, 1996, p.162). Na atualidade, vive-se em um mundo globalizado. Ao contrário do que se pode pensar, o fenômeno da globalização não tem homogeneizado todos os aspectos da vida social. Na verdade, o que se percebe é uma acentuação das diferenças de natureza cultural.

Nesse contexto, o próprio conceito de cultura é redefinido. A cultura deve ser entendida como algo intrínseco ao ser humano. Todos os indivíduos, assim como todas as sociedades, são construtores de cultura – embora cada uma tenha um sistema próprio de valores, uma lógica interna. Uma das abordagens dada à cultura é feita por Gomes (2001, p.93), que a conceitua como sendo

[...] um conjunto de práticas sociais generalizadas em um determinado grupo, a partir das quais este grupo forja uma imagem de unidade e coerência interna. O conjunto destas práticas exprime os valores e sentidos vividos por um certo grupo social e a delimitação de suas diferenças em relação a outros grupos.

Dias e Aguiar (2002) associam-se ao conceito de cultura definido por Gomes (2001), ao elencarem alguns aspectos que devem ser considerados quando se trata da questão cultural. Para eles, a cultura é resultado de um processo de civilização do indivíduo. Ela é transmissível pela herança cultural, além de incluir idéias, valores, crenças, instituições sociais, construções, entre outros aspectos. Finalmente, a cultura compreende a totalidade das criações humanas e é exclusiva do ser humano.

Com o passar do tempo, evoluiu o conceito de cultura, ampliando-se ao senso de que todos os povos são detentores e produtores de cultura. Evoluiu, também, a maneira como os turistas viajam. A motivação cultural permaneceu como uma das principais razões para as viagens.

No Brasil, o Ministério do Turismo – MinTur – pressupõe para o desenvolvimento do turismo cultural em uma região a conciliação do desenvolvimento da atividade turística com o fortalecimento das culturas, no sentido de preservar o patrimônio local. O turismo deve, segundo o governo, buscar atrelar a manutenção patrimonial, a valorização das identidades culturais e o uso cotidiano dos bens culturais à exploração turística de uma localidade. Esse órgão, em conjunto com o Ministério da Cultura e o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN - definem as ações de turismo cultural como “[...] as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (BRASIL, 2006, p.10). A relação do turismo com a cultura deve sustentar-se em duas bases: a existência de demanda motivada pela busca de conhecimento de culturas diversas e a possibilidade do turismo desenvolver-se como ferramenta de valorização da preservação e manutenção do patrimônio e da identidade cultural, assim como da promoção econômica e de bens culturais.

Para Barretto (1995), há uma segmentação a qual culmina em dois tipos de turismo: um motivado pela busca de atrativos naturais; um outro, pela busca de atrativos culturais. O “[...] turismo cultural seria aquele que tem como objetivo conhecer os bens materiais e imateriais produzidos pelo homem” (BARRETTO, 1995, p.21).

Esses bens englobam aspectos como a história, o cotidiano, os patrimônios, o artesanato ou outro aspecto qualquer a que o termo cultura abranja.

O turismo cultural, além de ser um dos principais segmentos do turismo, aparece associado a outros nichos de mercado e tem como característica marcante o seu efeito educacional, no sentido de contribuir para o aumento da consciência do visitante para a preservação do patrimônio do local visitado. Aliado a isso, a comunidade tem um papel de fundamental importância no processo de organização das ações relacionadas ao desenvolvimento do turismo cultural, visto que a vivência dos habitantes da localidade é capaz de enriquecer a experiência do visitante, ao mesmo tempo em que reforça o sentimento de pertencimento dos moradores (DIAS; AGUIAR, 2002).

A cultura, assim como seus bens e atividades, produzidos muitas vezes independentemente do turismo, é a razão de ser do turismo cultural. Para o Ministério do Turismo (apud BRASIL, 2006), o mercado cultural é fator de influência no mercado turístico, devendo as duas áreas trabalhar em parceria, o que pode viabilizar ações bem-sucedidas para ambas. Daí que

[...] o incentivo às apresentações culturais representativas da região ou do município em mercados-alvo, pode ser uma estratégia para despertar o interesse de potenciais turistas, por meio de amostras do que pode ser a totalidade dos aspectos culturais do destino (BRASIL, 2006, p.34).

O turista deve ser atraído, conforme a citação, mas os gestores responsáveis por essa atração devem levar em conta que o turismo e a cultura têm uma relação dialética no âmbito da discussão da cultura como produto *versus* cultura autêntica. A cultura, pois, é preparada, reinventada e encenada para o turismo. Essa encenação, muito embora, acaba por motivar o resgate da cultura dita autêntica. Isso faz emergir um processo de aproximação entre passado e presente, conforme é defendido a seguir sobre as manifestações artístico-culturais preparadas para turistas:

Inicialmente visto como cultura encenada, como tradição inventada para consumo turístico, acaba penetrando os interstícios do tecido social e transformando-se em movimento cultural do presente com interesse genuíno na valorização e no conhecimento do próprio passado (BANDUCCI JÚNIOR; BARRETTO, 2001, p.16).

Os autores mostram que o turismo organizado com base no legado cultural de uma dada localidade permite à comunidade engajar-se no processo de recuperação de sua memória coletiva e de reconstrução de sua história. A exploração turística, assim efetivada, não se restringe ao usufruto de recursos materiais de uma região, mas abrange também os aspectos não-materiais da cultura nela construída. A atividade turística permite, inclusive, que pessoas de uma comunidade adquiram consciência da importância de sua cidade em um determinado contexto histórico (BARRETTO, 2002). Nesse contexto, “Ter identidade local significa ser diferenciado – ou parecido consigo mesmo. A diferenciação dá-se, antes de qualquer coisa, pela historicidade do lugar que se manifesta ainda hoje” (YÁZIGI, 2003, p.155). De acordo com Vaz (apud ALVES, 2005), a diferenciação através da identidade local torna-se um trunfo essencial para o

desenvolvimento do turismo nas regiões e, nesse sentido, tal identidade está ancorada na imagem da cultura local que um povo detém e que é repassada aos seus visitantes.

Por isso, as cidades deveriam investir na contínua busca pela valorização da cultura típica das localidades. Isto porque, quando trabalhada de forma responsável por seus planejadores, em especial, seus produtores culturais e os poderes público e privado, como um produto turístico, a cultura tem o poder de atrair fluxos turísticos para as cidades, estimulando a manutenção da identidade das populações receptoras. Trata-se de uma ajuda recíproca que pode haver, de maneira bastante saudável, entre a cultura e o turismo. "Ora, se um dos fatores importantes que motiva o turista a escolher este ou aquele local é *justamente o diferencial*, o tiro sai pela culatra quando negligenciamos, inclusive com vergonha, as formas locais de cultura, sejam elas quais forem" (YÁZIGI, 2003, p.173).

Em localidades onde a cultura é o principal fator motivador da viagem de visitantes, o turismo funciona como uma ferramenta para impulsionar o resgate da cultura de seu povo. Essa é uma alternativa eficaz para a manutenção da identidade local. A cultura é capaz de atrair fluxos turísticos e de fazer com que a permanência de turistas em número de dias aumente nos destinos procurados. Os aspectos culturais, quando bem trabalhados, ainda são capazes de gerar uma gama de opções e atrativos em cidades que já atraíam visitantes para outros tipos de turismo, como o de sol e mar, por exemplo.

As mudanças culturais e/ou sociais de uma comunidade não devem ser atribuídas somente a uma única atividade, no caso, ao turismo. Esta questão foi elucidada no capítulo anterior ao se falar sobre o caráter mutável da identidade, tida como uma construção permanente. O contato existente entre turistas e comunidade local implica um processo repleto de tensões, mas que se mostra capaz de provocar o fortalecimento da identidade e da cultura dos indivíduos.

A memória de um povo é um fator essencial para que sua cultura possa preservar suas peculiaridades. Estando ligada à identidade desse mesmo povo, a cultura pode subsidiar uma relação importante para as bases do turismo cultural de um destino. Para que o turismo cultural possa efetivamente acontecer, há a exigência de que a comunidade receptora tenha um sentimento de pertença àquilo que é oferecido como manifestação cultural. Os nativos compõem o elo mais importante para a preservação e conservação de seus patrimônios.

Assim, o turismo demonstra o poder de exercer um papel importante na construção de tradições inventadas, bem como de fazer emergir e/ou conservar uma atitude preservacionista. Ao visitante, é possível a implantação de diversos olhares a respeito da cultura olhada/apreciada.

2.2 ENTENDENDO O TERRITÓRIO E A DINÂMICA TERRITORIAL

Uma investigação sobre o conceito de território demonstra uma ligação íntima dele com a idéia de domínio ou gestão de determinada área⁴. De acordo com Andrade (2004), o território surge como o espaço concreto que é ocupado, apropriado

⁴ Ao analisar algumas referências existentes, como Haesbaert (1997), Santos (1985) e Souza (2005), percebe-se que o conceito de território surge sempre atrelado à questão do poder, seja de maneira direta ou indireta.

por um grupo social. Um grupo não pode ser entendido sem o seu território, pois a identidade sociocultural dos indivíduos está diretamente ligada aos atributos do espaço concreto, já que a ocupação do território é tida como geradora de raízes identitárias de seus habitantes.

Outra forma de abordar a noção de território é considerá-lo como um campo de forças, uma teia, uma rede de relações. Antes do espaço concreto, tem-se o território como relações sociais projetadas no espaço, conforme entende Andrade (2004). Mais uma vez, afirma-se que territórios podem se dissolver, se constituir e se dissipar de modo relativamente rápido.

Em escalas temporais diferentes, os territórios são construídos e desconstruídos. Eles podem ter um caráter permanente, bem como uma existência periódica⁵. Para Santos e Silveira (2004), nessa linha de pensamento, é possível utilizar o conceito de espaço territorial, sujeito a transformações sucessivas. Assim, iria emergir o território usado, que analisa a constituição do território, o qual pode ser definido através da implantação de infra-estruturas, bem como pelos processos dinâmicos ocasionados por ações do Estado, mas também da sociedade. O território usado envolve todos os acontecimentos que têm reflexo no espaço geográfico, seja em função de uma atividade isolada, ou mesmo de uma série de ações realizadas, criando assim um novo espaço, com novas funções.

Exemplo disso são os eventos. Como afirma Santos (1999, p.115), “o lugar é o depositário final, obrigatório, do evento”, que, por sua vez, pode ser vetor na formação de uma sociedade. Os eventos se tratam de um instante, em um ponto do espaço e, ainda segundo o autor, onde eles instalam-se, há sempre mudança. A cada novo acontecimento, as coisas mudam seu conteúdo, e muda, também, a sua significação. “Os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características” (SANTOS, 1999, p.116). O autor coloca, ainda, outra característica marcante dos eventos:

Mas os eventos não se dão isoladamente. Quando consideramos o acontecer conjunto de numerosos eventos, cuja ordem e duração não são as mesmas, verificamos que eles se superpõem. Esse conjunto de eventos é também um evento, do qual os eventos singulares que o formam são elementos. Não é apenas uma superposição, mas uma combinação, pois a natureza da resultante é diversa das partes constitutivas (SANTOS, 1999, p.123).

Esses eventos seriam capazes, ainda, de dissolver identidades, mostrando que não são fixas, mas estão em permanente construção, como será colocado adiante.

De acordo com Haesbaert (1997), a identidade espacial, por sua vez, é produto de uma apropriação simbólica do espaço, tratado não somente como território, mas também como lugar. O autor afirma que a idéia de território suscita questões e respostas que recriam, a cada momento, a idéia de território. Sendo o território um

⁵ A expressão território vem sendo bastante utilizada nas Ciências Sociais, desde o século passado, por geógrafos como Ratzel e Reclus, estando o primeiro preocupado com o papel desempenhado pelo Estado no controle do território, e, o segundo, por estabelecer as relações entre classes sociais e o espaço ocupado e dominado (ANDRADE, 2004).

instrumento de exercício de poder, faz-se mister elencar questões que tratem de quem domina ou influencia um dado espaço e como isso se dá para que seja possibilitada uma análise da dinâmica sociocultural nele processada.

Haesbaert (1997) trata da relação psicológica dos indivíduos com um território em que habitem:

Dessa forma, o território deve ser visto na perspectiva não apenas de um *domínio* ou controle politicamente estruturado, mas também de uma *apropriação* que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva (HAESBAERT, 1997, p.41).

Corroborando com Haesbaert, Souza (2005) trata da relação da sociedade com um dado território. Segundo ele, territórios são construídos e desconstruídos socialmente. O território caracteriza e realça aspectos nos âmbitos político, social, econômico e cultural, em função dos movimentos da sociedade estarem atrelados ao desenvolvimento das técnicas de domínio e modificação do espaço. O autor mostra que o trabalho é um ponto forte para a compreensão do território. Santos (1985) ratifica as idéias de Souza quanto ao perene devir verificado na configuração de um dado espaço:

O que nos interessa é o fato de que cada momento histórico, cada elemento muda seu papel e a sua posição no sistema temporal e no sistema espacial e, a cada momento, o valor de cada qual deve ser tomado da sua relação com os demais elementos e com o todo (SANTOS, 1985, p. 09).

Sack (1986), ao afirmar que a territorialidade pode ser definida como uma tentativa, que pode partir de um indivíduo ou de um grupo, de influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos em uma área geográfica, apresenta a razão pela qual cada território configura-se como um eterno vir a ser. A territorialidade está ligada ao modo como os indivíduos dão significado a um lugar, além da questão da organização de seu espaço e do modo de utilizar a terra. Nas palavras do autor:

[...] a territorialidade é uma poderosa estratégia geográfica para controlar pessoas e coisas através do controle de área, territórios políticos e propriedade privada da terra podem ser suas formas mais familiares, mas a territorialidade ocorre em diversos níveis em numerosos contextos sociais (SACK, 1986, p.05).

A dimensão de influência ou controle dessas áreas está diretamente atrelada às questões simbólicas e identitárias. Assim, tem-se que o território e as territorialidades envolvem dimensões distintas, estando entre elas a dimensão sociocultural, que é a de interesse maior para o presente estudo.

2.2.1 Turismo e território

O turismo surge como atividade econômica organizada em meados do século XIX, quando se utilizava de infra-estruturas criadas em função de outros usos do território. Todavia, nos últimos tempos, o que se percebe é que vem ocorrendo um

movimento contrário ao que ocorria anteriormente: a atividade, que antes era usuária passiva dos territórios, passa a ser um agente ativo no seu ordenamento, ou mesmo no seu reordenamento. O turismo, enquanto atividade dinâmica que é, tem demonstrado seu poder de organizar sociedade inteiras, assim como a criação e modificação de territórios em função da sua realização.

As necessidades de intervenção espacial para a efetivação do turismo, relacionadas, por exemplo, à criação de infra-estrutura de locomoção, hospedagem, alimentação e entretenimento, fazem com que ele se diferencie das outras atividades, à medida que cria uma dimensão espacial que lhe é própria, assim como o fato do consumo do espaço. Consumir o espaço faz do turismo uma atividade econômica peculiar, pois, desta característica, emerge a necessidade do deslocamento por parte do consumidor até o produto a ser consumido. O deslocamento implica, entre outras coisas, que o turismo tenha repercussão em distintas porções do espaço (CRUZ, 2001).

A maneira como ocorre o turismo em uma localidade é resultado das políticas públicas setoriais, que implicam na estruturação dos territórios. A política pública de turismo deve estabelecer diretrizes que sejam capazes de orientar o crescimento da atividade, tanto por parte do setor público, quanto por parte da iniciativa privada. Isso porque, se não há intervenção pública, o turismo irá acontecer da maneira como o mercado achar que lhe é mais interessante, sem medir as conseqüências que uma má gestão pode ocasionar na sociedade onde está ocorrendo.

Para Cruz (2001, p.12), as políticas regionais de turismo para o Nordeste envolvem processos distintos e que, ao mesmo tempo, são complementares. A autora coloca a apropriação e produção de espaços *pele* turismo e *para* o turismo. No primeiro caso, ocorre a criação de toda uma infra-estrutura necessária à realização da atividade. No outro, cria-se apenas a infra-estrutura de suporte, prevendo-se um uso turístico em um momento futuro. Essas situações abarcam transformações, adaptações, novas relações às localidades onde se instala. Diferentemente do que deveria ocorrer, quase sempre, essa modernização restringe-se às políticas de turismo, que, normalmente, não estão integradas às outras políticas setoriais. A autora coloca que:

Da capacidade dos atores hegemônicos de intervir sobre o ordenamento e reordenamento dos territórios, numa escala global, resulta, entre outras coisas, uma crescente artificialidade de objetos e ações. Esta pode gerar uma sensação de estranhamento, por parte dos indivíduos, do seu entorno (CRUZ, 2001, p.16).

As transformações espaciais ocorrem de forma dinâmica. A todo o momento, os sistemas de objetos e de ações interagem. Para Santos (1994), os sistemas de objetos condicionam a maneira como ocorrem as ações, assim como as ações levam à criação de novos objetos, às vezes, até mesmo, aproveitando-se dos já existentes, dando-lhes novas formas ou usos. Todos esses movimentos ocorrem no espaço, e em função da lógica do mercado, que busca atender às suas necessidades. É essa realidade que vem ocorrendo em Mossoró. Os eventos têm trazido uma nova dinâmica para a cidade, que vem criando e recriando espaços destinados à realização da atividade turística em seu território.

O turismo, durante o processo de transformação dos territórios para seu usufruto, concorre com outros usos do território, assim como com outras atividades

anteriores a ele. Knafou (1996) coloca possibilidades de relação entre o turismo e o território, e indica a existência de territórios turísticos. Esses territórios turísticos seriam aqueles inventados e produzidos para os turistas, onde, sem eles, não haveria razão de sua existência. Daí serem elencados, também, outros atores no processo de turistificação dos lugares, que são o mercado e os planejadores e promotores territoriais. Esses territórios turísticos são caracterizados por territorialidades distintas – a dos que ali vivem de maneira permanente, e a dos que por ali somente passam, sem a necessidade de apropriação. E questões como essa, normalmente, levam ao confronto dos efeitos advindos da atividade, quando, quase sempre, os agentes de mercado são beneficiados, enquanto a maioria da população fica à margem dos benefícios da atividade.

2.3 A FESTA COMO PROCESSO DINAMIZADOR E IDENTITÁRIO DE UM ESPAÇO TERRITORIAL

Quando se fala em festa, este elemento constitutivo das sociedades, muitas vezes tem-se uma idéia de ruptura às normas, de quebra das regras, de displicência. Ferreira (1999) define a festa, em seu dicionário, como sendo uma reunião para fins de divertimento e acrescenta o vocábulo alegre. Há outros significados que o autor dá ao termo: conjunto das cerimônias que celebra um acontecimento; solenidade; comemoração. Festa é definida ainda como sendo um dia santificado, de descanso, de regozijo. De maneira geral, a cultura dominante define as festas como fenômenos não-sérios e efêmeros. Para Araújo (1996), historicamente, a idéia de festa como um momento de contraponto ao cotidiano e de liberação e distanciamento social começou a ser difundida pelo Estado e divulgada pela imprensa brasileira a partir da década de 1840. A festa, como afirma Damatta (1986), é essencial para reviver a memória e a saudades. O conceito de festa adotado neste estudo define-a como um fenômeno ligado diretamente ao contexto da vida social da população na qual se insere.

Nesse sentido, a festa deve ser vista como uma ação fundamentada para o grupo que a promove, sendo produzida com finalidades determinadas, estando envolta por uma significação para os grupos com os quais se relaciona, apesar de muitas vezes parecer um fenômeno comum. Elas têm sido realizadas por todos os grupos, em função de motivos diversos e representam os anseios, os desejos e os valores das pessoas nelas envolvidas. Trata-se de um ritual, de um momento de convivência social e, assim, não pode ser tida apenas como um momento de descontração e divertimento, durante o qual são deixados de lado os problemas cotidianos, mas como um fenômeno capaz de refletir a identidade sociocultural na qual está inserida. Mesmo acontecendo fora do cotidiano, a festa não está desligada do seu contexto social. Ela é uma ocasião que possibilita amenizar os conflitos, é um elemento integrador de grupos sociais e permite que sejam visualizados traços fundamentais de uma dada sociedade (AMARAL, 2007b).

A festa é um traço marcante do modo de vida brasileiro e, quanto ao seu significado, pode-se dizer que ela tem um sentido único para aqueles que a realizam, em especial no Brasil, onde é possível perceber um número significativo de festas acontecendo durante o ano. Para Amaral (2007b), historicamente, as festas vêm desempenhando um papel importante no desenvolvimento da cultura brasileira e, desde o período colonial, elas têm o poder de facilitar o entendimento dos símbolos nela

inseridos, permitindo, por exemplo, a integração entre portugueses e índios, tendo em vista que os primeiros objetivavam a catequese dos outros. Posteriormente, o mesmo ocorreu entre os negros e os brancos. Como se vivenciava um período conturbado, de novidades, por se tratar de uma realidade ainda desconhecida, as festas eram tidas como momentos de descanso e renovação das esperanças. As festas foram um dos elementos de ligação para as diversas culturas que formaram o Brasil e criaram uma cultura nacional própria. Nesse contexto, tinha-se a união das raças para vivenciar, em um momento distinto do seu cotidiano, a alegria.

Em função disso, a festa incorpora-se à cultura brasileira como uma linguagem que é capaz de traduzir os valores e símbolos de seu povo, sendo elemento constitutivo de sua cultura. De acordo com Araújo (1996), as festas são símbolos capazes de identificar culturalmente uma área ou região do país, tendo o poder de distingui-la em relação ao todo.

Dantas (2002) trata a festa como um grande espetáculo, tendo a participação dos atores como um aspecto de fundamental importância. Cada um desses atores age de uma maneira que lhe é particular. Suas ações e atitudes serão determinadas pela posição que assumirem e em função de suas características individuais e sociais. O papel e o significado que é atribuído por esses atores durante as manifestações festivas estão diretamente relacionados com sua representação do mundo social. Além disso, “A Festa parece ser realizada com o intuito de seduzir ou atrair a população local e os visitantes pelo *glamour*, pela beleza e pelo poder, tanto que a cidade prepara-se caprichosa e esteticamente para tal acontecimento” (DANTAS, 2002, p.66). Todavia, os conflitos existentes entre esses atores no seu papel cotidiano muitas vezes aparecem de maneira não-explícita no período da festa.

O tempo da festa é o da regeneração e o da renovação da vida coletiva, no qual se foge da angústia e se parte para buscar a confraternização. Após festejar, o homem sai restaurado e rejuvenescido. Apesar de apresentarem um caráter de excepcionalidade, de ruptura do cotidiano, as festas remetem a ele, pois falam dele e o representam (ARAÚJO, 1996).

Assim, o sentimento de pertença das populações para com a festa de seu município é tão forte que a temporada de festas. Segundo Maia (2001), faz muitos migrantes encontrarem-se em uma situação de conflito, visto que há a necessidade de permanecer no seu local de trabalho para garantir o seu sustento, mas também existe o eminente desejo de estar em sua terra, junto ao seu povo. Para isso, os migrantes sacrificam as economias, contraem empréstimos e relegam até a perder o emprego. O período relativo às festas (e isso é mais forte nas de caráter religioso, com destaque para a padroeira da cidade natal, uma festa religiosa, mas repleta de programações profanas) é tido como uma fuga da realidade cruel do migrante. Tal festejo suprime o penoso cotidiano e dá vazão a um retorno imaginativo de um passado de prazer que se manifesta desde a viagem de ida até ao usufruto das atrações comemorativas.

Então, estando em suas origens no momento da festa, o migrante deixa-se levar pelas emoções, pois nelas estão as suas raízes, suas tradições, a identidade criada acerca de sua cidade natal. O imaginário coletivo do povo está todo voltado para o acontecimento festivo. Os momentos de festividade são os mais importantes do ano, sendo também os mais esperados. Em função disso, Maia (2001, p.193) afirma que

[...] alterar ou retirar algum evento da festa, se não for uma decisão arbitrária e/ou com respaldo legal, envolve ampla negociação entre o agente interveniente e os defensores da tradição – e não é raro que tais negociações acabem em conflitos. No fundo, busca-se descobrir até que ponto isto modificará a “transformação mágica do mundo”.

Pensando-se na questão dos valores ligados à festa e nos significados que lhe são atribuídos, é preciso perceber que, em uma sociedade “simples”, com valores culturais mais homogêneos, os grupos talvez não sejam conflitantes, diferentemente do que pode ocorrer em uma sociedade tida como “complexa”, cujos grupos defendam seus próprios valores. A festa, então, pode ser fator de representação de toda uma sociedade ou apenas de alguns grupos em especial. Na busca por manter a tradição, as festas são, por diversas vezes, regulamentadas, envoltas por uma série de regras e procedimentos a serem desenvolvidos. Ainda assim, é a vontade popular que dita o que deve ou não ser aspecto presente na festa, bem como o que deve ser lembrado ou esquecido, transformado ou conservado.

Há essa adequação das festas populares ao desejo das massas contingenciais pelo fato de que os festejos movimentam cifras significativas em sua organização e realização, sendo viabilizadas por patrocinadores que buscam um retorno dos seus investimentos. Isso se dá pela necessidade sentida pelos grupos de fazer com que a sua festa tome, a cada dia, uma proporção maior, atraindo mais investimentos e gerando maiores lucros. Em Mossoró, a idealizadora do Mossoró Cidade Junina e do Auto da Liberdade é a Prefeitura Municipal, a qual busca parcerias para efetivar sua realização e engrandecê-las a cada ano. Os organizadores das festas concentram recursos dos grupos realizadores e redistribuem-nos para atendimento das necessidades. Para as comunidades, a fartura e a possibilidade de organizar festejos cada vez mais ricos representam motivo de orgulho. Nesse sentido, a festa assume um caráter de ritual, divertimento e ação política, simultaneamente. Por isso há perenidade nas comemorações festivas, conforme dito a seguir:

Ela reaviva as velhas tradições, reforça laços de origem, mas também incorpora novos elementos e anseios. O poder associativo, reiterativo, identificador e reanimador da festa fica evidente quando pensamos naquelas realizadas por imigrantes, infalivelmente, ano a ano, ou mesmo nas de grupos religiosos diversos (AMARAL, 2007a).

No decorrer do tempo, é percebido o empobrecimento de algumas festas, mas isso não é uma regra geral, posto que muitas tiveram crescimento, ganharam espaço e importância com o passar dos anos, projetando-se em nível regional, nacional e até mesmo internacional, assumindo, de acordo com Maia (1999), caráter de eventos de organização empresarial. Em função dessa realidade, as festas mais significativas do calendário das cidades já não são celebrações espontâneas, organizadas e efetivadas ao acaso, mas se tratam de acontecimentos extremamente planejados, envolvendo muitas pessoas em sua organização. Há ainda mais cautela no planejamento quando a festa é de longa duração, envolvendo programações diversas, em espaços distintos. A festa torna-se, cada vez mais, um atrativo turístico para as cidades que as realizam. Em função da movimentação ocorrida nas localidades, tem-se toda uma gama de produtos e serviços atrelados a ela, o que interfere fortemente na economia da cidade e, muitas vezes, nas de seu entorno.

A festa ainda se mostra como elemento simbólico capaz de atrelar os projetos coletivos aos individuais da sociedade na qual está inserida. Para Amaral (2007b), ela concretiza sonhos, anseios e fantasias, ao mesmo tempo em que se distancia de ser um fenômeno alienante. Estando bem próxima à vida real, a festa ocupa-se em resolver problemas reais, quando se dá através da organização de grupos locais voltados para um objetivo social em prol da população local.

3 OS EVENTOS FESTIVOS DO TERRITÓRIO MOSSOROENSE NAS VOZES DOS ATORES SOCIAIS

Mossoró é uma cidade que tem investido na dinâmica da atividade turística, utilizando, para isso, sua história e sua cultura, buscando crescer e tornar o turismo uma atividade significativa em seu território a partir desses fatores.

Há cerca de cinco anos, a atividade turística na cidade de Mossoró estava basicamente relacionada à área dos negócios. A exploração do petróleo, do sal e da fruticultura irrigada eram atividades que praticamente monopolizavam o fluxo de turistas como motivação para as viagens à cidade. Hoje, é possível visualizar, através de dados concretos, os resultados dos investimentos realizados nas festas em Mossoró. Coexistem nas estatísticas turistas de negócios e turistas de lazer e entretenimento.

A dinâmica socioeconômica e cultural de Mossoró favorece essa procura turística local, até porque a cidade

[...] está localizada entre duas capitais nordestinas (Natal e Fortaleza); é um importante centro regional de comércio e compras para os municípios circunvizinhos que estão ao seu redor; é um dos maiores municípios produtor de sal e petróleo de todo o Brasil, além de ser palco de grandes acontecimentos históricos, em nível regional e nacional. Essas características a tornam uma cidade apta a captar e promover uma grande diversidade de eventos: sejam culturais, de negócios ou ainda eventos científicos (START PESQUISA, 2006, p.24).

Dentre as várias possibilidades mencionadas, o segmento de mercado incentivado pelos gestores mossoroenses é o do turismo cultural. Este pode trazer benefícios à cidade, não só estimulando a preservação do patrimônio cultural do município e fortalecendo a identidade local, como também movimentando a economia, gerando postos de trabalho, aumentando a arrecadação de impostos e melhorando a infra-estrutura da cidade ao ser preparada para receber o turismo. Tudo isso acaba por beneficiar a população. Para crescer em sua exploração turística e gozar desses proveitos, é necessário que Mossoró invista nos equipamentos e serviços ofertados.

Sua infra-estrutura hoteleira ainda deixa a desejar, tanto no que se refere à qualidade, quanto à estrutura como um todo. A cada dia, o consumidor torna-se mais exigente e consciente quanto aos serviços que lhe são ofertados. Os gestores responsáveis pelo turismo mossoroense devem trabalhar com vistas a desenvolver uma atividade responsável, que preze pela integração da comunidade, no sentido de fazer crescer um turismo que esteja buscando, permanentemente, o aumento dos efeitos positivos e a diminuição dos impactos negativos, que sempre ocorrerão. O turista de nível cultural elevado, no sentido de possuírem uma maior bagagem cultural, é atento a isso quando visita uma localidade.

Para abordar a temática das principais festas de Mossoró, é preciso pensar que, se as festas do cotidiano dos mossoroenses têm sido apropriadas pelo poder público local e têm gerado poder de atração. Assim, é pertinente a reflexão de Maia (1999), ao conceber que as festas possibilitam aproximar as pessoas que, no cotidiano, teriam apenas relações distantes. O momento festivo gera uma afetividade, uma participação capaz de entrelaçar os indivíduos. A coletividade não apenas participa, mas compartilha desse momento, diminuindo, naquele instante, suas diferenças. Contudo, faz-se necessário ressaltar que o fato de estarem juntos naquele momento não significa propiciar uma situação harmônica entre os atores sociais diversos. No momento da festa, territorialidades são criadas, pois há, claramente, o espaço de cada grupo de pessoas, de cada classe social.

3.1 O PODER PÚBLICO MUNICIPAL E SUA INTERVENÇÃO

As políticas públicas devem nascer em função do contexto da sociedade civil como o resultado de uma relação de forças dos diversos atores sociais existentes, sendo originadas dos desejos dos distintos grupos ou classes sociais. “Uma política pública é o resultado de um ato intervencionista na realidade social, atingindo a vida de pessoas e de grupos sociais” (BONETI, 2006, p.87).

A elaboração de políticas públicas é uma atividade política, influenciada pelas características da sociedade na qual se insere, sofrendo também pressões de grupos de interesse, além da influência das estruturas formais do governo. Em função disso, nem sempre sua aplicabilidade trará resultados que agradam à população como um todo, pois é resultado de uma dinâmica de um jogo de forças estabelecido em relações de poder.

Partindo para uma questão mais específica, as políticas de desenvolvimento turístico são definidas, segundo Rocha (1997, p.164), como o “conjunto de decisões que expressam condutas a serem adotadas para a materialização de uma dada atividade, ou seja, são as diretrizes que orientam o desenvolvimento do setor turístico”. São essas políticas as viabilizadoras da realização de planos, projetos e programas que permitem a realização e execução de eventos, criação e melhoria de infra-estrutura, instalação de equipamentos, promoção do destino, investimentos em capacitação, dentre outras ações que permitam o desenvolvimento do turismo nas localidades.

Em Mossoró, o poder público municipal, de acordo com as entrevistas realizadas com o Gerente Municipal de Turismo, Gabriel Barcelos, afirma estar trabalhando no sentido de efetivar a realização das festas na busca por fazer um resgate da história e da cultura locais, no sentido de incentivar a população a ter um maior interesse pelas suas raízes; assim, seria possível divulgá-las e trazer o turismo de forma efetiva para a localidade, pois a Prefeitura afirma que o turismo só tem sido consolidado na cidade em função das festas realizadas.

O investimento no setor cultural, especialmente através das festas, tem trazido uma série de mudanças para Mossoró, visto que a própria população tem uma melhoria da sua auto-estima e da cidade como um todo, a partir do momento em que se investe, por exemplo, nas manifestações populares da cidade e no incentivo aos seus grupos teatrais.

O crescimento e amplitude que as festas tomaram têm trazido diversas conseqüências para a cidade. Pode-se dizer, hoje, que Mossoró é a capital cultural do

Rio Grande do Norte, estando em destaque, periodicamente, na mídia nacional, especialmente quando é realizado o Mossoró Cidade Junina. Isso se deve aos investimentos em mídia e divulgação em regiões de atração de turistas, como as capitais circunvizinhas à cidade.

De acordo com Gabriel Barcellos, o Gerente Municipal de Turismo, a festa que comemora os festejos juninos e que teve início como uma festa única⁶, na Estação das Artes, em 1998, em suas primeiras edições, atraía somente o público local, posto que não era divulgada em outras regiões. A partir de 2004, ainda de maneira acanhada, iniciou-se a divulgação em cidades como Natal e Fortaleza, tidas como possíveis pólos de atração de turistas. A iniciativa logrou êxito e fez com que, a partir de 2005, os investimentos em divulgação se tornassem mais significativos, o que trouxe resultados rápidos, visto que a cidade começou a receber turistas de toda a região, e os equipamentos de hospedagem passaram a registrar altos índices de ocupação. Hoje, o Mossoró Cidade Junina é uma festa reconhecida nacionalmente, e o poder público afirma já estar competindo com cidades consolidadas na festa de São João, como Caruaru e Campina Grande.

Para o Gerente de Turismo, esse foi o ponto de partida para o desenvolvimento da atividade turística na cidade. Isso porque, antes da vinda dos turistas, a cidade investia pesadamente na realização da festa, mas apenas uma parcela do capital investido circulava na cidade, visto que grande parcela do investimento estava na contratação de bandas de outras cidades ou Estados. Mas, ao chegarem a Mossoró, os turistas injetam dinheiro na economia local, o que faz o capital circular, justificando os investimentos realizados.

Ainda assim, fica claro que boa parte do capital investido vai para outras cidades, visto que Mossoró não dispõe de toda a infra-estrutura necessária para a realização das festas. Da mesma forma, acontece com o pagamento feito a bandas de fora, que são fortes atrativos, e não deixam recursos para a cidade.

A opção por trazer o turismo para a localidade tem gerado alguns embates. O primeiro ocorreu quando houve a iniciativa de colocar camarotes na festa para que os turistas ficassem mais à vontade para participar dela. Questiona-se: se a festa é feita para o povo, como criar um espaço diferenciado, pelo qual as pessoas devem pagar para ter direito a um privilégio? Essa questão gerou alguns embates entre os próprios idealizadores do Mossoró Cidade Junina. Quem teve a idéia de colocar o camarote afirma que fatos como esse ocorrem em todos os lugares onde a atividade é bem-sucedida. Mas nem todos aceitaram a idéia. Ainda assim, os camarotes têm sido instalados na festa e vendidos para os que buscam um espaço diferenciado para sua participação.

Tem-se, nesse sentido, que o camarote é um espaço onde as pessoas mostram o seu poder, à medida que ficam com uma melhor visão da festa e se colocam em um patamar mais elevado que os outros participantes. Em se tratando de territórios,

⁶ Como exposto no capítulo anterior, o Mossoró Cidade Junina, até então, ocorria nos bairros, sendo uma festa de cada paróquia e sua comunidade, normalmente apoiada pela Prefeitura. A partir desse ano de 1998, a Prefeitura Municipal decide por realizar uma festa única, de grande dimensão, deixando assim de apoiar as diversas festividades realizadas na cidade. Esse fato gerou um mal-estar entre a Igreja e a Prefeitura, visto que a primeira perdeu seu espaço e os lucros advindos das festas juninas.

o camarote demonstra o poder das pessoas que ali estão em detrimento daquelas que não podem ou não querem estar naquele espaço restrito.

Da mesma maneira tem ocorrido durante a apresentação do espetáculo Chuva de Bala no País de Mossoró, quando a comunidade tem reclamado do fato de que a organização criou uma área *vip*. As pessoas devem pagar um ingresso para assistir ao espetáculo sentadas em área privilegiada⁷. Esse fato acabou por diminuir significativamente o número de cadeiras disponibilizadas ao público.

Assim, começam a emergir questões acerca das festas que estão se desenvolvendo em Mossoró. Ora, no momento em que se propõe realizar uma festa aberta ao público, financiada por órgãos estatais, cobrar um ingresso parece ser um tanto quanto contraditório. É possível afirmar que essa questão se dá, também, em função da atividade turística na cidade. Se há turistas na localidade, supõe-se que disponham de dinheiro para investir em seu lazer, estando então dispostos a pagar para ter um lugar privilegiado para assistir ao espetáculo.

Nesse sentido, o turismo que vem acontecendo em Mossoró tem se mostrado, como costuma acontecer em inúmeras localidades, segregador, à medida que coloca a pessoa do turista como prioridade total, em detrimento da comunidade local.

O Mossoró Cidade Junina é a festa mais importante para o turismo municipal, sendo a mais incentivada e divulgada pelo poder público local. Isso ocorre porque ela é, claramente: a que tem o maior poder de atração de um fluxo de turistas; a que gera um maior fluxo de pessoas e de dinheiro circulando na cidade; a que coloca Mossoró em maior destaque na mídia. Assim, os políticos a vêem como uma oportunidade de mostrar o trabalho que vêm desenvolvendo não apenas para a população local, mas para todo o Estado, além de polos circunvizinhos.

De acordo com o poder público municipal, os efeitos negativos das festas envolvem uma parcela da população e se resume às pessoas que se sentem incomodadas com o barulho, especialmente as pessoas que moram no entorno do local de realização das festividades em estudo. Para que esse impacto seja minimizado, o Ministério Público exigiu a regulamentação dos horários de realização das festas, o que tem feito diminuir as reclamações. Todavia, como será visto adiante, na visão da comunidade, os aspectos que não agradam na realização das festas vão além do barulho causado.

Dentre os impactos positivos ocasionados pelas festas, tem-se a questão da dinamização cultural da cidade, envolvendo o resgate da cultura local, dos movimentos culturais, assim como da melhoria da auto-estima da população como um todo, que hoje tem orgulho de ser mossoroense. Isso fez com que a comunidade local entendesse a importância de valorizar o que é seu. A imagem da cidade também tem sido bastante beneficiada em função das festas, que têm ganhado projeção em nível local, regional e até nacional. E isso muda o perfil da cidade, tanto para a população, quanto para a imagem que o turista cria e leva de Mossoró.

O desenvolvimento do turismo na localidade, trazendo um fluxo de capital, criando postos de trabalho para a comunidade e fortalecendo a imagem da cidade como um pólo de atração do turismo cultural também está entre os aspectos positivos trazidos pelos investimentos realizados.

⁷ A informação foi obtida durante as pesquisas de campo, no momento da festa, no ano de 2007.

Mas o perfil da cidade tem mudado também fisicamente, pois uma série de investimentos vem sendo realizada no entorno do local onde ocorrem as festas. A área de realização destas tem crescido no sentido de ser um corredor cultural e turístico mossoroense. Esse corredor cultural teve início com a reestruturação da Estação das Artes Eliseu Ventania, antiga estação ferroviária, que se tornou espaço cultural, contando com auditório, museu, espaço para exposições, biblioteca e uma grande área aberta para a realização de eventos. Foi nesse espaço onde se consolidou a realização do Mossoró Cidade Junina e do Auto da Liberdade.

Bem próximo à Estação das Artes, tem-se o Teatro Municipal Dix-Huit Rosado Maia, o Museu Municipal Jornalista Lauro da Escóssia, assim como outros espaços relacionados a lazer e eventos que vêm sendo criados e construídos nesse entorno, como a Praça da Convivência, o Memorial da Resistência, a Praça da Criança, o parque de diversões e a praça de esportes. Espaços como os anteriormente citados demonstram que a cidade, também em função das festas, tem mudado não apenas do ponto de vista social, mas inclusive no aspecto físico.

3.2 OPINIÃO E PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE LOCAL NAS FESTAS

Para que fosse possível obter a opinião da população mossoroense a respeito das principais festas realizadas na cidade, objeto central de estudo deste trabalho, foram aplicados cem questionários durante o mês de março de 2008, em diferentes pontos da cidade, com o objetivo de que pessoas de todas as regiões de Mossoró pudessem expor sua opinião acerca das festividades.

Na questão referente ao costume de freqüentar as festas mossoroenses, obteve-se um dado curioso. Antes de realizar a pesquisa, pela proporção quanto à divulgação e a grande movimentação ocasionada na cidade nos meses de realização das festas, acreditava-se que a maioria das pessoas iria ao centro da cidade para prestigiá-las, ou mesmo em busca de outro interesse qualquer.

Todavia, verificou-se, na pesquisa de campo, que 41% das pessoas que responderam ao questionário afirmaram não participar das festividades. As razões apresentadas para o fato da não-freqüência incluíram, basicamente, a questão religiosa ou a falta de interesse por participar das movimentações. Os outros 59% afirmaram ir ao Mossoró Cidade Junina, ao Auto da Liberdade e à Festa de Santa Luzia.

Ao cruzar as informações relativas à idade e ao hábito de freqüentar as festividades, não são apenas as pessoas mais jovens que costumam participar das festas, mas também os mais velhos. Verificou-se que pouco mais de 52% dos entrevistados na faixa etária até os 20 anos costumam ir às festas. Enquanto isso, mais de 90% das pessoas com idade de 41 a 45 anos que foram entrevistadas vão às festas mossoroenses.

Cruzando dados coletados, observa-se que a participação da comunidade mossoroense nas festas acaba por envolver todos os segmentos da sociedade, independentemente do seu nível de escolaridade.

Das pessoas que disseram freqüentar as festas, questionou-se sua principal motivação para a participação. A maioria delas (75%) afirmou ter como motivo central a interação social e os shows ofertados. Assim, tem-se que os moradores da cidade buscam, na festa, um momento de diversão através dos shows de artistas locais e nacionais, assim como a busca por relacionar-se com outras pessoas.

Com índices menores, surgiram também nas respostas a motivação religiosa, contabilizando 10% delas, e a busca por uma renda-extra, através da venda de artesanato, artigos alimentícios ou bebidas, por exemplo. Em seguida, 14% responderam que os motivos para a participação nas festas eram outros. Dentre eles, a busca por uma alternativa de lazer com a família, a questão cultural, a aquisição de conhecimento sobre os acontecimentos históricos (que são repassados através dos espetáculos), a intenção de beber, assim como a intenção de perceber como o poder público tem usado as festas para demonstrar o seu poder.

Em relação à opinião dos pesquisados sobre os investimentos realizados para a efetivação das festividades, 54% dos questionados responderam que o dinheiro e os esforços deveriam ser colocados em outras áreas, tidas como prioritárias, envolvendo questões como saúde, educação e infra-estrutura, por exemplo. Os outros 46% acreditam que os esforços investidos trazem retorno à cidade.

Efetivamente, é sabido que o retorno obtido pelos investimentos em ações como as festas e o esforço por trazer o turismo para uma localidade nem sempre é fácil de ser visualizado. Assim, as pessoas acreditam que é importante investir em outros setores, tidos como prioritários, por satisfazerem as necessidades mais básicas da população das cidades.

Posteriormente, fez-se o cruzamento da opinião dos entrevistados quanto aos investimentos nas festas e à escolaridade dos mesmos. Deixando de lado a escolaridade referente ao ensino fundamental incompleto, que incluía apenas 01 pessoa, tem-se, nas outras faixas, que as opiniões são diversificadas. Mais de 80% das pessoas com ensino médio completo afirmaram que os investimentos deveriam ser destinados a áreas tidas como prioritárias, o que envolve setores como saúde e educação. Levando em conta que a maioria dos entrevistados (50%) possuía o ensino médio completo, vê-se que há uma divisão de opiniões quanto ao investimento realizado, como pode ser visto no gráfico abaixo.

Outra informação obtida através do cruzamento de respostas envolve a frequência nas festas e a idéia que as pessoas têm sobre os investimentos realizados. O que motivou o cruzamento foi a curiosidade por saber como os cidadãos colocam-se politicamente. Eles acham que o capital e os esforços investidos deveriam ir para outras áreas, mas frequentam as festividades? Fazendo a análise, observou-se que, das pessoas que responderam que os recursos deveriam ser investidos em áreas prioritárias, mais de 70% não têm o hábito de ir às festas. Quanto aos respondentes que afirmaram que as festas trazem retorno à cidade, mais de 57% vai às comemorações. Acredita-se, assim, que as pessoas levam, em consideração, o fato de acreditarem nos investimentos realizados como um fator para a sua frequência ou não nas festas.

No que se refere às transformações ocasionadas em Mossoró, em função das festividades, questionou-se acerca dos impactos tidos como positivos e daqueles considerados negativos. Ambas as questões permitiam mais de uma resposta. Nelas, objetivava-se ter uma opinião das pessoas sobre o que vem acontecendo na cidade em função das festas em questão.

Nas respostas, obteve-se que 30% expôs que o crescimento do turismo mossoroense é o efeito mais positivo trazido pelas festas. Assim, percebe-se que o turismo é colocado, pela população, como o setor que mais é beneficiado com o desenvolvimento das festas em território mossoroense.

Posteriormente, 20% dos questionados afirmaram que há melhoria na movimentação do comércio local. Em seguida, 19% citaram o incentivo aos artistas locais como um impacto positivo. Com o mesmo percentual surgiu a alternativa relacionada à geração de postos de trabalho que, de certa forma, tem envolvimento com o incentivo aos artistas da cidade, pois estes também estão inseridos na parcela de pessoas beneficiadas com opções de trabalho. Outros 10% frisaram a oportunidade de integração social como benefício. Apenas 2% reconheceram a valorização das áreas circunvizinhas, como um aspecto positivo.

Quanto aos aspectos negativos trazidos pela realização do Mossoró Cidade Junina, do Auto da Liberdade e da Festa de Santa Luzia, as pessoas questionadas responderam, em sua maioria (57%), que o efeito mais negativo é aquele referente à violência. Outras alternativas citadas como efeitos indesejados envolveram a questão da poluição sonora, que foi colocada por 24% dos respondentes, e o uso da festa como um momento para ser feito de palanque de campanha para os políticos, que querem mostrar suas ações no momento das festividades.

No momento em que deveriam colocar sua opinião quanto às modificações que ocorreram na cidade de Mossoró em função das festas, a maioria das pessoas disse que ela tornou-se mais conhecida. Observa-se que isso traz, também, um orgulho maior, por parte da população, de ser e fazer parte de Mossoró, que tem sido vista como um berço de cultura, área que vem sendo incentivada prioritariamente.

Em seguida, com 18% das respostas, as pessoas afirmam que houve mudanças na organização da cidade, que ela vem sendo modificada para as festas. Essas mudanças consistem, especialmente, em investimento na criação de uma série de espaços para a realização de eventos, o que inclui um corredor cultural no centro da cidade, área que concentra as festas analisadas nesta pesquisa. Os outros 13% responderam que a maior modificação envolve as questões econômicas, pois Mossoró tornou-se mais próspera, à medida que as festas requerem uma série de investimentos, que têm fator multiplicador no território mossoroense.

Durante todo o percurso do presente estudo, houve uma questão que intrigava a pesquisa. Será Mossoró uma cidade diferente das outras, distinta, avessa? Pensava-se no sentido da cidade ter uma história peculiar, no sentido de seu pioneirismo relativo a questões diversas, da sua vontade por ser grande, de sua busca incessante por incentivar a cultura, distinguindo-se das ações realizadas pelas outras cidades do Rio Grande do Norte. Assim, decidiu-se perguntar à população se a mesma considerava Mossoró uma cidade diferente das outras.

As respostas obtidas traziam justificativas diversas. 61% das pessoas disseram que Mossoró não é uma cidade avessa, justificando ter na mesma um destino em crescimento, em ascensão e com problemas semelhantes a outras cidades e só. Os outros 39% afirmaram que Mossoró é, sim, diferente, pela sua riqueza no petróleo; por buscar fazer tudo de maneira grandiosa; por ter se tornado conhecida em função das festas e por seu envolvimento com a cultura. A resposta mais presente, nesse sentido, envolvia referências ao grupo político que a domina, considerado fechado, que passa o poder de geração em geração e conta a história da cidade sob sua ótica.

A partir das informações obtidas na pesquisa de campo com a comunidade local, apresentadas nos gráficos, pode-se inferir que há uma divisão das pessoas no que diz respeito às festas ocorridas em território mossoroense.

3.3 O OLHAR SOCIOECONÔMICO DA POPULAÇÃO LOCAL SOBRE O TURISMO

O discurso relatado acerca do turismo como um fenômeno crescente no território mossoroense, faz-se necessário pensar em uma perspectiva mais crítica.

A história da cidade vem sendo, nos últimos anos, apropriada pelo poder público municipal, com o intuito de promover espetáculos que demonstrem Mossoró como um espaço diferente dos outros, repleto de garra, coragem e pioneirismo. Esses ideais são colocados através, especialmente, dos espetáculos ocorridos nas suas principais festas. Essas questões acabam por envolver a identidade de seu povo, bem como a construção de seu imaginário coletivo, que circunda envolto por imagens que vêm sendo colocadas nos momentos festivos.

Nesse ínterim é que emerge o turismo mossoroense. Os efeitos positivos que o crescimento da atividade turística pode trazer às comunidades onde se instala são largamente conhecidos e divulgados. Todavia, é sabido que, assim como qualquer outra atividade econômica, ao se instalar em um território, o turismo traz, consigo, impactos nos mais diversos âmbitos, o que envolve os setores econômico, ambiental e, em especial, a questão sociocultural.

Como afirma Coriolano (2006, p.216), os padrões de concorrência internacional acentuam a importância dos serviços como uma fonte de sustentação das economias nacionais. Nesse contexto, o turismo emerge como “[...] uma atividade produtiva mundial que interfere na organização desigual e combinada de territórios, sendo absorvido de maneiras diferenciadas pelas culturas e modos de produção”. Quando a sociedade civil entendeu que poderia beneficiar-se economicamente, buscou desenvolvê-lo em seus territórios, com o apoio do Estado. Todavia, por se tratar de uma atividade capitalista, que busca o lucro, mostra-se contraditória, à medida que propõe desenvolvimento, mas traz consigo uma série de implicações negativas nas localidades onde ocorre.

Em Mossoró, o turismo ainda não ocorre de forma efetiva, onde exista um fluxo contínuo de visitantes motivados pelas questões culturais, mas em momentos específicos, mais ligados aos períodos nos quais ocorrem as festas. Sempre houve um fluxo de turismo na cidade, mas formado, basicamente, por pessoas que estavam ali motivadas por negócios, atividades relacionadas a trabalho. Nos últimos anos é que os meses de festa vêm demonstrando um diferencial no crescimento da atividade turística, que agora não está mais restrito ao fluxo de turistas de negócios, mas, principalmente, ao turismo cultural e de lazer.

Através das pesquisas de campo realizadas com a população mossoroense, percebe-se também que cidadãos de todos os níveis de escolaridade, assim como de diversas faixas etárias, participam das festas, que mostram envolver todas as camadas da sociedade. Ainda assim, foi significativo o número de pessoas que disseram não participar das festividades. Respostas como essa levam a pensar na causa real para o não-envolvimento de uma maior camada da sociedade nesses eventos festivos, apesar de toda a divulgação e propaganda relacionadas a eles. A cidade, no período das festas, tem seu cotidiano modificado, desde a decoração das ruas e das lojas.

Também ocorre que as principais motivações para a participação estão relacionadas à busca por interação social e aos shows, onde, geralmente, as atrações principais não são locais, mas de fama em nível nacional. Os mossoroenses ainda não vêem o retorno trazido pelos investimentos, e prova disso é que mais da metade dos

questionados na pesquisa afirmaram pensam que os investimentos deveriam estar alocados em outras áreas, como educação e saúde.

Na ótica da população, os efeitos ocasionados pelas festas são o crescimento do turismo e a melhoria da movimentação no comércio da cidade, que ficou mais conhecida pela divulgação realizada em torno dos momentos festivos. Todavia, os impactos não-desejáveis e que vêm ocorrendo têm relação com o aumento da violência e a poluição sonora. Entende-se que os impactos vão bem além do que a população vê, e se tem, assim, que há uma comunidade ainda não envolvida no processo de crescimento do turismo local.

Então, afirma-se que ainda há uma parcela significativa da população ainda não vê as festas como uma alternativa de trabalho, e é preciso, então, pensar sobre a maneira como o turismo vem sendo trabalhado em Mossoró.

Assim, a proposta que se deve elaborar em relação ao turismo mossoroense, então, é que busque uma nova dimensão, no sentido de adaptá-lo aos interesses da comunidade, o que faz com que haja uma maior possibilidade de sucesso a médio e longo prazos, posto que, como foi visto, grande parte dos moradores locais não têm participado das festas, que são o carro-chefe do turismo mossoroense. Assim, pode-se dizer que eles não têm feito parte do processo de inserção do turismo na localidade, o que, indiscutivelmente, é preciso ocorrer para que a atividade turística seja interessante para ela.

Questões como essa, segundo Barretto (2007), ocorrem porque os turistas acabam por tomar os espaços que antes eram apenas da comunidade. Essa realidade foi verificada na realização do Chuva de Bala no País de Mossoró em 2007, quando os mossoroenses reclamavam pela existência de um espaço reservado para os turistas vindos através de agências de viagens, que pagavam e tinham um espaço privilegiado para ver ao espetáculo. Para a autora, os estudos demonstram que os objetivos de entendimento e aproximação entre os povos, sempre colocados como objetivos do turismo, não vêm sendo atingidos. O que parece, na verdade, é que se repetem problemas que percorreram toda a história da humanidade, como colonialismo social e xenofobia.

Assim, os turistas passam, muitas vezes, a serem vistos como “um mal necessário”. Sua presença incomoda, mas sua ausência faz falta em função do dinheiro que eles trazem consigo. Já os turistas vêm a comunidade, muitas vezes, apenas como um instrumento para os seus fins, um mero prestador dos serviços que lhes são necessários. Há, então, uma “profissionalização” dos contatos, cada um com seus interesses.

O grande paradoxo do turismo é que coloca em contato direto e próximo indivíduos que não se enxergam entre si como pessoas, mas como entidades portadoras de algo que o outro necessita. Os turistas são consumidores; os moradores locais, parte do produto consumido (BARETTO, 2007, p.77).

Está claro que as relações colocadas entre visitantes e anfitriões irão variar em função de uma série de circunstâncias colocadas em cada realidade. É preciso entender, também, que a comunidade anfitriã não se trata de um grupo homogêneo, mas diverso, mutável, e com interesses distintos. O desafio é, então, fazer com que as relações sejam mais humanas. Ao estudar planejamento, entende-se que as ações

devem ocorrer de maneira conjunta, com a participação da sociedade civil da maneira mais ativa possível. Assim, ao sentir-se como parte do processo, enquanto sujeitos, a possibilidade de sucesso é maior, pois, nas ações de planejamento irão constar os valores e interesses do Estado, do mercado, mas também da comunidade, que é peça-chave no desenvolvimento de um turismo com bases sustentáveis. Trabalhando assim, o ciclo de vida do turismo em Mossoró não estará comprometido à estagnação ou mesmo ao declínio, pois se entende que o mesmo ainda está em fase de desenvolvimento, tendo muito a crescer e se profissionalizar.

De acordo com o Gerente de Turismo da Prefeitura Municipal, Gabriel Barcelos, Mossoró tem grande crescimento de seu fluxo turístico no período das festas, principalmente no mês de junho, em virtude do "Mossoró Cidade Junina". Anteriormente, junho era um mês considerado "fraco" para o segmento turístico, e hoje apresenta uma ocupação média superior a 80% nos equipamentos hoteleiros. No que se refere à capacidade de hospedagem da cidade, atualmente, há mil e quinhentos leitos disponíveis, e novos empreendimentos vêm sendo criados, como é o caso dos Hotéis Garbus e Ibis, já em fase de construção. Outro dado que merece destaque é a informação da Câmara de Dirigentes Lojistas da cidade ao afirmar que, no mês de junho, a economia formal e informal tem aquecimento em média de 10 milhões de reais em relação aos outros meses do ano. Dados como esses levam à compreensão de que o turismo é realmente uma atividade que tende a crescer em Mossoró, em função dos investimentos que vêm sendo realizados, bem como do que já vem sendo percebido como retorno em função dessas ações. Contudo, para que isso ocorra, esse crescimento necessita de ações concretas de planejamento.

Assim, é preciso buscar uma atividade que cresça, mas com os benefícios que o turismo pode trazer, quando se destaca a geração de trabalho e renda para a população local. Entretanto, deve gerar, especialmente, a inclusão social, inserida em uma realidade de sustentabilidade, onde as gerações futuras sejam também oportunizadas e Mossoró possa despontar enquanto um destino de turismo cultural no Rio Grande do Norte.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura e o turismo em Mossoró vêm sendo trabalhados, nos últimos anos, de forma conjunta, com vistas a desenvolver o turismo cultural na cidade, através das festas do Mossoró Cidade Junina, do Auto da Liberdade e da Festa de Santa Luzia. Esses eventos festivos têm trazido investimentos para a cidade, e fazendo com que a mesma se modifique territorialmente, que sejam criadas novas dinâmicas espaciais, assim como novos espaços, voltados prioritariamente para a difusão de sua cultura e do turismo em seu território.

A cidade de Mossoró, nos últimos anos, através de suas festas e do crescimento da atividade turística, vem envolvendo questões relativas à existência do lugar, através do sentimento de pertença de sua população. A história da cidade está repleta de fatos que remetem ao pioneirismo, às lutas, a gestos de coragem e à busca pela liberdade, implementadas por seu povo.

Através de festas, patrocinadas pelo poder público, são celebrados fatos do passado que recuperam a memória, as imagens e os discursos do passado em Mossoró. Para Felipe (2001), o imaginário do povo mossoroense alimenta-se de uma

imagem de que o presente é uma realidade determinada pelos fatos do passado. Assim, para entender a realidade vivenciada pela população mossoroense, faz-se necessário compreender, além de suas práticas cotidianas, os significados atribuídos por ela aos acontecimentos históricos vividos por seus antepassados. Cotidiano e ressignificação histórica determinam a tessitura das identidades do povo mossoroense, e tais aspectos são, a todo o momento, explorados na efetivação das festas mossoroenses.

Mas o momento festivo não ocorre sem objetivos por parte daqueles que a realizam. O poder público busca, com o trabalho que vem sendo realizado, afirmar sua imagem e seus interesses. Mossoró tem sido amplamente divulgada como a “capital cultural do Rio Grande do Norte”. Os investimentos realizados nas festas aumentam ano a ano, bem como a mídia que as cercam, o que faz com que o fluxo de pessoas para a cidade só aumente. Para o poder público municipal, o investimento realizado circula na cidade através dos ganhos obtidos pelo turismo. Todavia, sabe-se que parte significativa desses recursos vai para fora, visto que Mossoró não dispõe de toda infraestrutura necessária para a organização das festas, o que envolve também a contratação de shows de artistas de renome nacional. Esse dinheiro acaba não ficando para a economia local, deixando de beneficiar a população. Assim, o turismo mossoroense vem crescendo dentro de um modelo que não é tido como ideal, pois concentra os seus maiores benefícios nas mãos de poucos. O turismo tem sido visto como uma alternativa extremamente rentável, mas a comunidade local tem sido, muitas vezes, negligenciada dentro desse processo.

É também possível perceber que a questão política está muito presente nas festas mossoroenses. A iniciativa privada, por sua vez, investe nelas com o intuito de melhorar sua imagem institucional diante da população da cidade, bem como dos turistas. A festa mossoroense tem, em seus bastidores, um jogo de interesses muito forte, havendo sempre objetivos não-explicítos por parte daqueles que a promovem e a apóiam.

Quanto à comunidade local, de acordo com a pesquisa de campo, as festas acabam por envolver todos os segmentos da sociedade, independentemente do seu nível de escolaridade. Contudo, uma parcela significativa afirma que não participa das festividades. A principal motivação para a participação é a interação social e a programação de shows. Mais da metade dos pesquisados responderam que o dinheiro e os esforços deveriam ser colocados em outras áreas, tidas como prioritárias. Ainda assim, a população afirma que o crescimento do turismo mossoroense é o efeito mais positivo trazido pelas festas, havendo também a melhoria na movimentação do comércio local e o incentivo aos artistas locais. Já os efeitos negativos referiram-se, especialmente, à questão do aumento da violência. Outros efeitos indesejados incluíram a poluição sonora e o uso da festa como palanque político.

Mossoró tem, na efetivação de suas festas, grande parte da cidade movimentando-se no sentido de garantir a sua realização. Os equipamentos de hospedagem organizam-se para a chegada da demanda de turistas, assim como os comerciantes locais e o poder público buscam estar aptos a receber um grande número de pessoas na cidade de maneira organizada, segura e de modo a ter condições de atender às suas necessidades.

As programações organizadas pelos diversos atores envolvidos nesse processo não têm apenas o poder de atualizar os mitos, mas de colocar em cena a

história do povo, sendo capaz de mediar valores. Elas são tidas como instrumento de interação e expressão da diversidade, permitindo ao povo reconhecer-se na festa. Isso é o que vem acontecendo, nos últimos anos, nas festas de Mossoró, mais especificamente nos espetáculos Chuva de Bala no País de Mossoró e Auto da Liberdade, nos quais os protagonistas da história da cidade vêm sendo postos como heróis, e essa é a imagem que a população vem criando dessas pessoas. O que se coloca em cena é a vida do povo daquele lugar, mas a visão ali posta é a de seus organizadores e idealizadores, através da imagem que lhes interessa passar para o povo, visto que a história é contada sob o ponto de vista influenciador de quem dirige as apresentações que desenvolvem as narrativas.

O fato das pessoas acreditarem que Mossoró ficou mais conhecida a partir da realização das festas, acaba por melhorar a estima da população, que, cada vez mais, mostra o orgulho de fazer parte daquele lugar. Assim, o orgulho de ser mossoroense cresce à medida que a cidade vem transformando-se para o turismo e sendo transformada pelo crescimento das festas e do turismo na cidade.

Através das festas do Mossoró Cidade Junina, do Auto da Liberdade e da Festa de Santa Luzia, uma nova Mossoró vem sendo criada. São transformações na economia da cidade, que busca desenvolver o turismo cultural em seu espaço, com vistas aos possíveis benefícios dessa atividade. A opção pelo investimento nesse setor tem acabado por trazer, também, modificações estruturais para a cidade, que tem sido transformada para a realização das festividades, as quais estão acabando por criar um corredor cultural no entorno dos espaços apropriados. Para que isso ocorra, atenta-se para a necessidade de ações de planejamento a médio e longo prazos, para que todos os atores sociais estejam envolvidos no processo e comunguem dos benefícios que a atividade turística pode trazer.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Patrícia Dalianny Araújo do; FURTADO, Edna Maria; TAVEIRA, Marcelo da Silva. **O programa de regionalização do turismo e seus efeitos no Rio Grande do Norte**. In CR-ROM do X Encontro Nacional de Turismo com Base Local. João Pessoa, 2007.

AMARAL, Rita de Cássia. **Festas na Cidade**. Disponível em <<http://www.aguaforte.com/antropologia/festa.html>>. Acesso em 12 nov. 2007a.

_____. **Sentidos da Festa à Brasileira**. Disponível em <http://www.antropologia.com.ar/congreso2000/ponencias/Rita_Amaral.htm>. Acesso em 07 nov. 2007b.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

ALVES, Amélia Cristina. **Cidade, festa e identidade**: reflexões sobre a conformação identitária e a espetacularização do espaço urbano de Mossoró (RN). In CR-ROM do V Encontro Nacional da ANPEGE. Fortaleza, 2005.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. **Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife.** Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1996.

BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro; BARRETTO, Margarita. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica.** Campinas: Papyrus, 2001.

BARRETTO, Margarita. **Cultura e turismo: discussões contemporâneas.** Campinas: Papyrus, 2007.

_____. **Manual de iniciação ao estudo do turismo.** 2.ed. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento.** 3.ed. Campinas: Papyrus, 2002.

BONETI, Lindomar Wessler. **Políticas públicas por dentro.** Ijuí: Unijuí, 2006.

BRASIL – Ministério do Turismo. **Turismo cultural: orientações básicas.** Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. A dimensão cultural do espaço: alguns temas. In: **Trajetórias geográficas.** 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CORIOLANO, Luzia Neide Menezes Teixeira. **O turismo nos discursos, nas políticas e no combate à pobreza.** São Paulo: Annablume, 2006.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de turismo e território.** 2.ed. São Paulo: Contexto, 2001.

DANTAS, Maria Isabel. **Do monte à rua: cenas da Festa de Nossa Senhora das Vítórias.** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2002.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo.** 2.ed. São Paulo: Futura, 1998.

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina Rodrigues de. **Fundamentos do turismo.** Campinas: Alínea, 2002.

FELIPE, José Lacerda Alves. **A (re) invenção do lugar: os Rosados e o país de Mossoró.** João Pessoa: Grafset, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI.** 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Paulo César da Costa. A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste**. Niterói: EDUFF, 1997.

_____. Identidades territoriais. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KNAFOU, Remy. Turismo e Território: por uma abordagem científica do turismo. In: RODRIGUES, Adyr Balastri. **Turismo e geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. São Paulo: Hucitec, 1999

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1991.

MAIA, Carlos Eduardo Santos. Ensaio Interpretativo da dimensão espacial das festas populares. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

_____. O retorno para a festa e a transformação mágica do mundo: nos caminhos da emoção. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Ron, SMITH, Graham (Orgs.). **Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOSSORÓ (PMM). **Festa de Santa Luzia**. Disponível em <<http://www.prefeiturademossoro.com.br>> Último acesso em 02 nov. 2007. 2007a.

_____. **Festa da Liberdade**. Mossoró: Gráfica de Fato, 2007. 2007b.

_____. **Gente: Mossoró Cidade Junina**. Informativo da Secretaria Municipal de Cidadania. Mossoró, 2005.

ROCHA, Aristotelina Pereira Barreto. **Expansão Urbana de Mossoró: período de 1980 a 2004**. Natal: EDUFRN, 2005. (Coleção Mossoroense, volume 1469).

ROCHA, Genylton O. R. da. Ecoturismo na Amazônia: uma análise das políticas públicas planejadas pela SUDAM. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.). **Turismo e ambiente**: reflexões e propostas. São Paulo: Hucitec, 1997.

SACK, Robert. **Human Territoriality**. Cambridge, University Press, 1986.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo: razão e emoção. 3.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Técnica, tempo, espaço**: globalização e meio técnico-científico-organizacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias; CÔRREA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia**: conceitos e temas. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

START PESQUISA. **Pesquisa de demanda turística da cidade de Mossoró**. Natal: 2006.

YÁZIGI, Eduardo. **Turismo**: uma esperança condicional. 2 ed. São Paulo: Global, 2003.